

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: 161

Data: 19.06.75

Pg.: \_\_\_\_\_

### Apoena ameaça deixar expedição junto a atroaris

Do correspondente  
e da Sucursal

Aborrecido e com malária, o sertanista Apoena Meirelles chegou ontem em Manaus ameaçando abandonar a chefia da expedição que tenta pacificar os índios waimiris-atroaris se a Funai não melhorar as condições de trabalho na selva, "evitando que ocorra comigo e com a expedição o que ocorreu com o Gilberto Pinto". Apoena vai apresentar um relatório ao general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, denunciando algumas irregularidades.

Ele também se declarou aborrecido com a afirmação do delegado da Fundação no Amazonas, Francisco Mont'Alverne, de que já foram gastos mais de um milhão e meio de cruzeiros na expedição de Apoena. "Isso é uma leviandade, um absurdo, pois ainda não foi aplicado nem a terça parte desse dinheiro", disse o sertanista. Mas, argumentando que se a verba foi aplicada, comentou: "É melhor gastar o dinheiro em alguma coisa do que termos que abandonar o trabalho por falta de recursos ou então incorreremos nos erros das outras expedições, que foram massacradas pelos índios. Se tivermos que abandonar a expedição, só lamento que os índios venham a ser pacificados, pois o que está interessando mesmo à Funai é a preservação dos costumes dos índios; a estrada é coisa secundária".

No encontro que terá hoje em Manaus com o presidente da Funai, Apoena Meirelles dirá que "estão ocorrendo irregularidades ao longo da estrada Manaus-Caracarái, onde os trabalhadores da empreiteira teimam em não aceitar as ordens da expedição". O sertanista não quis dar pormenores, mas sabe-se que, há alguns dias, encaminhou um relatório ao Comando do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do

Exército, que constroi a rodovia, pedindo punição dos trabalhadores.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil vai apreciar somente na próxima semana a decisão da Funai de proibir a entrada em áreas indígenas dos membros do Conselho Indigenista Missionário, ligado à CNBB. Dom Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência, já recebeu cópia do ofício que a Funai enviou ao Cimi, vai estudá-lo durante esta semana e só na quinta-feira sairá o pronunciamento oficial. Anteontem, em Brasília, o Cimi anunciou que também só dará sua posição na próxima semana, mas seu presidente padre Vicente Cesar, considerou a medida uma "represália" inútil e disse que a Funai, enquanto proíbe missionários, permite que estrangeiros, como o etnólogo suíço René Fuerst, visitem os índios para afirmar no exterior que eles são chacinados.

"Jamais afirmei no exterior a prática de uma política de genocídio contra os índios pelo governo brasileiro", defendeu ontem René Fuerst, que, por coincidência, chegou ao Brasil um dia após a acusação do presidente do Cimi. "Muito pelo contrário, tenho sempre ressaltado que a Funai não pode ser responsabilizada pela desaparecimento progressiva dos índios. Sem esse órgão, não haveria mais índios no Brasil".

Apesar disso, René Fuerst disse que faz restrições à política indigenista e que realmente se falou em genocídio. "Alguns estrangeiros que estiveram aqui denunciaram o massacre dessas comunidades, como é o caso de Lucien Bodart e Paul Lambert, mas eu não concordo com eles". O padre Cesar também não é elogiado pelo etnólogo suíço: "Este missionário acompanhou a missão da Cruz Vermelha (de que Fuerst participou em 1970) e pude observar que seu comportamento com os índios é bastante inadequado e pouco experimentado".